Meu avô Vanzolini

My grandfather Vanzolini

Marina Vanzolini Figueiredo[1]

1
Neta de Paulo Emílio Vanzolini, filha de Maria Eugênia Vanzolini. Professora de Antropologia Social na Universidade de São Paulo.

Não me lembro bem quando eu entendi que meu avô trabalhava na Amazônia, mas já era adolescente quando um dia pedi a ele que me levasse numa de suas viagens. Ele disse que me levaria, sim, mas eu teria que trabalhar, ajudar no que fosse e não ter frescura. Que era só esperar seu barco ficar pronto. E não sei bem o que aconteceu depois disso: se chegou a ir, mas não levou a sério minha proposta, ou se já então não voltaria a viajar, por causa da idade.

A estante de livros da nossa casa sempre foi decorada por vidros com cobras em formol – estranha decoração, pensando bem, mas me parecia muito normal quando criança. Ao lado da minha cama, um tapete de pele de ariranha, marcado pelo furo da bala que matou o bicho, do qual eu tinha o maior orgulho, presente do meu avô. Encontrar com ele, na infância, sempre envolvia uma dose de aventura. Buscá-lo pra jantar no Museu de Zoologia, no fim do expediente, rendia um passeio pelo meio dos bichos empalhados nas salas escuras do museu, iluminado apenas por enormes vitrais coloridos. Os jantares só podiam ser em certos restaurantes no Cambuci ou no Brás, e se perder no caminho – guiados pelo meu avô, que não dirigia, mas pensava que sabia chegar nos lugares - era praticamente certo.

Eu sempre soube que meu avô era compositor e me lembro de muito pequena já gostar das músicas dele: *Paulo Vanzolini Por Ele Mesmo*, em vinil, era um clássico para mim. Mas o grande fascínio mesmo era pelo bichos, e mais tarde, pela vida no mato. Viagem que eu nunca fiz com ele.

É engraçado, lembrando disso, que a antropologia não tenha sido uma opção óbvia pra mim, ou que nem tenha pensado sobre ela no momento de escolher uma profissão (biologia nem pensar, meu negócio sempre foi gente). Mas não, na verdade eu nem

sabia que a antropologia existia. E só quando cheguei nela, por vias um pouco tortas, foi que me dei conta de que tinha voltado pra perto do meu ponto de partida. Só quando já estava no Xingu é que percebi que finalmente tinha feito aquela viagem que eu queria ter feito com meu avô. Só na volta dessa viagem ele me contou que já tinha estado naquele mesmo lugar, algumas década antes, e me deu uma foto sua deitado numa rede, na aldeia Kamaiurá, que hoje tenho em minha mesa de trabalho. Soube então, só aí, que ele foi muito amigo do Eduardo Galvão, figura da maior importância na antropologia brasileira e um dos autores fundamentais da literatura sobre o Alto Xingu. Segundo meu avô, era ele quem organizava as viagens de campo do Galvão, que não levava jeito pra essas coisas. Recebi dele nessa época um presente de valor inestimável: a edição de 1940 feita pela Revista do Museu Paulista do livro de Karl von Den Steinen, primeiro relato conhecido sobre os índios do Alto Xingu. Meu avô comprava e guardava essas coisas – por quê? Também ganhei dois canivetes, ou melhor, comprei cada um por uma moeda qualquer, porque ele dizia que faca não se pode ganhar. A lição mais objetiva que já me deu foi: não se vai pro mato sem uma faca.

Glória máxima, um dia encontrei Paulo Vanzolini citado por Lévi-Strauss com a *Etnozoologia dos Índios Canela*, trabalho que ele disse ter feito estimulado pelo próprio Galvão, e que reflete muito do seu método de trabalho, até onde sei, coletando bichos com os moradores de cada região. Daí a entender como os índios classificam e pensam os bichos, um passo. O diário de seu amigo pintor José Claudio, registrando uma viagem feita com a expedição científica de meu avô ao Amazonas em 1975, traz uma coleção de cantigas populares que, diz ele, meu avô cantarolava continuamente. Viajava, como se vê, não só coletando espécies, mas também encontrando gente. Meu avô era zoólogo, mas um zoólogo humanista, um humanista do século XX. É realmente impressionante que eu não tenha percebido o quanto tinha dele, naquilo que me move e de que aprendi a gostar, quando decidi estudar antropologia. Além de tudo, tinha grande senso de humor, que espero ter herdado.